



ÓRGÃO OFICIAL DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DAS PRECES

Propriedade da
Irmandade de Nossa Senhora das PrecesDirector e Editor
P.º Mário Oliveira de BritoRedacção e Administração
Aldeia das Dez — Oliveira do Hospital
Comp. e Imp.: «Gráfica de Coimbra»
Bairro de S. José, 2 — Coimbra — Telef. 2857

A ENTRADA TRIUNFAL de Jesus em Jerusalém

A fama da vida prodigiosa de Jesus encheu as aldeias e cidades da Galileia e da Judeia, transpôs fronteiras e correu por toda a parte. A Ele vinham numerosas multidões: uns pela novidade da doutrina, outros pela esperança de serem beneficiados, outros pela curiosidade de ver e ouvir aquele que falava também e que fazia milagres.

Soubera-se na cidade de Jerusalém que Jesus se dirigia para lá com os seus discípulos, para aí comemorar as festas da Páscoa.

O povo saiu-lhe ao encontro, recebeu-o entre palmas e vivas e levou-o em triunfo até ao templo. «Bendito seja o que vem em nome do Senhor» gritavam todos, como se naquela hora entrasse o seu tão desejado libertador.

Havia, porém, no meio da multidão alguém que não via com bons olhos aquelas manifestações e aquelas honras prestadas a Jesus Cristo — eram aqueles que tinham jurado vingar-se dele e que lhe tinham planeado a sua morte.

Ao verem o povo em delirantes aclamações, diziam uns para os outros: temos tudo perdido. Todos o aclamam, todos o seguem, que vamos nós fazer? E aqueles vivas, aqueles louvores, aquelas palmas eram um ultrage às suas pessoas, eram espinhos que se cravavam nos seus corações endurecidos. Mas não desanimaram — os filhos das trevas são teimosos e constantes nos seus sinistros projectos — e, passados apenas quatro dias, aquele povo que o recebeu triunfalmente no meio de cânticos e de vivas pedia agora para ele a pena de morte, a mais negra das sentenças: «crucifica-o» — «Nós temos uma lei segundo a qual ele deve morrer».

* * *

Quem se poderá fiar nos louvores dos homens?

Hoje louvam-nos, amanhã insultam-nos; agora enchem-nos de glórias, logo cobrem-nos de impropérios e lançam-nos ao despreso; aqui tecem-nos, na nossa presença, os mais rasgados elogios, e ali adiante, nas nossas costas, desfazem em farrapos o nosso nome, a nossa fama, a nossa reputação.

O povo não tem vontade própria, vai para onde o levam, inclina-se facilmente para o lado que lhe for pintado com melhores cores.

São poucos, pouquíssimos, aqueles amigos dedicados que em momentos críticos da vida, em circunstâncias periclitantes, perante os perigos e ameaças, se conservam firmes na sua amizade, constantes no seu dever, inabaláveis na dedicação, inquebrantáveis na lealdade.

Hoje sobe um homem a um lugar de destaque na vida política ou na vida social, é logo rodeado de uma multidão de falsos amigos que o lisongeiavam e adulam, que lhe tecem mil louvores, na esperança de gordas recompensas ou de grandes favores. Mas, se por qualquer circunstância, deixa esse lugar, se decai dessa posição social, os tais amigos, principiam a debandar, a distanciarem-se, visto que se foram todas as esperanças.

Vêm-se agora as coisas e julgam-se as pessoas já com outros olhos, com outras intenções e muitas vezes, destes falsos amigos nascem os próprios e mais temíveis traidores.

Hoje entre vivas e palmas clamam bem alto *Bendito o que vem em nome do Senhor*, amanhã se for preciso, se as conveniências e os interesses assim o exigirem gritam mais alto ainda *crucifica-o*.

A vida traz-nos a cada passo casos desta natureza, tornando sempre actual aquela passagem da vida de Jesus — a sua entrada triunfal em Jerusalém.

A MAIOR ROMARIA DAS BEIRAS

Nos dias 31 de Maio e 1 DE JUNHO realizam-se os grandes e tradicionais festejos em honra da SENHORA DAS PRECES, vindo assistir muitos milhares de peregrinos.

Falta de Sinalização

Sendo o Santuário da Senhora das Preces um ponto de Turismo dos mais visitados da nossa Região é para estranhar não haver nas estradas qualquer indicação ou sinalização que possa guiar e orientar os milhares de visitantes que durante o ano aqui vêm apreciar os lindos panoramas do mais belo Santuário da Beira.

Em 10 de Julho de 1948 enviei ao Ex.º Sr. Engenheiro Director das Estradas do Distrito de Coimbra um officio pedindo que fosse reparada esta falta de sinalização que tem dado origem a bastantes aborrecimentos, fazendo que muitos visitantes, antes de aqui chegarem, andem em passeio forçado para a Vide, Avô, ou sigam estrada real acima à procura da Senhora das Preces.

O assunto resolvia-se muito bem se as Entidades competentes mandassem colocar uma placa indicativa nas Vendas de Galizes, outra no cruzamento de Avô, e outra na Ponte das Três Entradas.

Por essa estrada fora encontramos nomes de terras repetidas dezenas de vezes; o nome de Aldeia das Dez e Senhora das Preces nem uma vez.

Ora como estamos a entrar na época do verão, era a altura própria para que o Ex.º Sr. Engenheiro Director das Estradas se dignasse mandar colocar as placas de sinalização nos sítios indicados. Esperando e confiando que este pedido seja atendido desde já agradeço.

Aleluia!

É o canto festivo que, nesta hora, a Igreja entoia em sua Liturgia, cheia de júbilo pela Ressurreição do Senhor!

Aleluia!

Uma onda de alegria parece cobrir a terra ao comemorar a glória de Jesus Salvador!

Uma alegria assim, muito grande, muito Santa, desejamos nós que inunde as almas de todos os nossos bons amigos — colaboradores, assinantes e leitores — nesta Páscoa de 1952.

Conversando

— Olha lá, ó Rosa, tu ontem estiveste lá em baixo, a lavar no tanque?

— Não comadre, andei todo o dia a semear milho.

— Eu até ando fora de mim...

Ai! meu Deus!... Se eu apanhasse aqui aquela desvenvergada, aquela negra... esganipava-a toda... nem os ossos se lhe aproveitariam...

— Mas quem mulher?

— Tu ainda perguntas quem?

Pois quem há-de ser? A Zeferina da Fonte, aquela língua depravada... Que se meta com a vida dela; mas que deixe viver os outros descansados...

— Mas afinal não sei o que tudo isso quer dizer, nem aonde queres chegar.

— Não sabes? pois eu to conto: Hoje de manhã, a tua prima, a Luísa das Corgas, disse-me que esteve ontem no tanque a lavar e que a Zeferina da Fonte, para quem quis ouvir, não se cansou de dizer mal de mim...

— Ó comadre e não haveria lá ninguém que lhe fizesse uma barrela, aquela língua?

Talvez a tivesse mais suja do que a roupa...

— Sim, dizes bem, o que ela precisava era uma barrela, era que lhe esfregassem a língua, mas havia de ser com sal e vinagre e estar oito dias de molho, a ver se tinha juízo.

— O quê? juízo?! nunca ela o teve. O que ela sabe é andar a servir de alcoviteira, a fazer de correio... Ouve aqui, conta além. Por diante muitas festas, muita coisa, muita loisa, mas, apenas a gente vira as costas, é capaz de enterrar vivos e desenterrar mortos.

— Olha como tu a conheces!... Ainda bem, para que não digas que eu minto.

Calcula, Rosa, que aquela maldita, aquela língua de peçonha, até já se atreveu a deitar pelas ruas da amargura a filha da tia Margarida dos Laranjais.

Uma pequena que é um encanto, toda a gente diz bem dela, porque realmente é uma joia de rapariga.

— Não admira... pensa que todas são como ela...

— Mas engana-se e muito enganadinha! Olaré! e se ela não mete a viola no saco e não cala a caixa, eu sou capaz de lhe pregar com estes cinco mandamentos naquela carinha! Olé, aí isso é que eu sou!...

— Deixa-te disso, comadre, não faças tal. Não vale a pena sujares-te com tão fraca rês. Demais, já toda a gente a conhece e portanto ninguém a acredita.

— O quê?! um charopezinho de marmeleiro, umas pastilhas e uns senapismos, assim aplicados a valer com estas que Deus me deu...

Ah! rapazes!... havias de ver, Rosa, faziam-lhe muito bem.

— Não duvido da virtude dos teus remédios, mas, bem vês; tu não és médico, não podes aplicar receitas dessas e depois ainda por cima, te podia ficar cara a festa.

— Deixá-lo... mas ao menos ficava regaladinho...

— Olha, comadre, sabes que mais? Já lá dizia a minha avó que Deus tenha em glória (Deus lhe

perdoe), que mal te quer, quem mal de ti diz, mas mais mal te quer, quem to diz ao nariz. Ora se tu não desses ouvidos a esses correios que te vêm encher os ouvidos, melhor seria para ti. Isto de andarem sempre com contos, com intrigas, com bisbilhotices dá sempre mau resultado. Um dito, uma calúnia é quanto basta muitas vezes para fazer a desgraça duma família.

— Lá nisso tens muita razão, mas não é duro a gente saber que lhe andam a pôr a vida ao soalheiro, que andem a morder na gente sem fazermos mal a ninguém?

— Pois sim, mas se todas tivessem cuidado com a língua já não havia nada disto. E sabes qual era o melhor remédio para fazer calar essas línguas malditas?

— Eu cá penso que remédio mais eficaz para acabar com as calúnias, bisbilhotices, ditos e enredos era agarrar em todas essas línguas de palmo, pô-las em cima dum cepo e zás! cortá-las ao meio, ou então, fazer-lhes um anel ou arganel (como outros dizem) na pontinha da língua. Era remédio santo...

— Não, não é preciso ir tão longe. Bastava que todas essas pessoas amigas de dar ao badalo fossem todos os domingos, à missa, ouvissem o que lá tem dito o senhor prior e depois viessem para sua casa e metessem a linguinha dentro dos dentes.

— É verdade, comadre, eu tenho lá ido, pois então; e tenho-o ouvido.

— Tu não sabes o que se tem passado cá pela terra, nestes últimos dias?

— Pois não havia de saber?... se por aí agora ninguém fala noutra coisa!...

— Ai tens, vês? um dito, uma calúnia... e agora talvez uma família infeliz.

E agora uma pergunta: esse ou esses, essa ou essas que tal disseram vão à missa aos domingos, confessam-se, comungam? Nem lá põem os pés, não é assim? Pois vai para tua casa, dá-lhes esta receita e verás como as coisas mudam e lembra-te sempre de que a melhor maneira de acabar com essas faladeiras era fazer com que praticassem, mas a valer, a Religião cristã.

Aviso importante

A «Voz do Santuário» continua a não fazer cobrança pelo correio por ser dispendiosa e muito trabalhosa. Espera e agradece que todos os prezados assinantes enviem pelo correio a respectiva quantia. Muitos assinantes ainda não marcaram a sua presença, talvez esperando que se lhes bata à porta. Metam uma notita de 20\$00 dentro de um envelope e mandem para cá. Os senhores da tipografia estão-me sempre a ralar e a pedir dinheiro, que as tintas estão caras, que o papel subiu; os homens querem tinta... e eu também.

Coisas da vida

Igualdade!...

Fraternidade!...

Todos somos iguais mas para aqueles que proclamam em altos gritos a igualdade, esta consiste apenas em oprimir os pequenos, os fracos e sobre a sua fraqueza edificam a sua soberania e fundamentam a sua tirania.

Todos somos irmãos... mas esta irmandade serve apenas para tirar aos grandes o que lhes pertence, roubar à sombra da fraternidade e depois fazerem-se grandes também.

Os outros... que se arranjem!...

*

Um dia caminhava por uma rua de uma grande vila.

A certa altura encontrei uma casa onde muita gente se divertia. Muita luz, muita animação, muita alegria.

E para estas orgias gasta-se dinheiro sem conta...

Os outros... que se arranjem!...

Mais adiante, a pouca distância, numa pobre e mísera choupana, envolvido nuns tristes farrapos, deitado numa esteira, estava um homenzinho, chefe de família, pai de três filhos, ainda pequeninos.

Eram 10 horas da noite e aquelas boquitas famintas mal tinham enganado a fome.

Ao pé de tanta luz tanta escuridão; ao pé de tanta animação, tanta lágrima; junto de tanta riqueza tanta miséria!...

Uns cantam, outros choram. Uns banqueteam-se lautamente, outros morrem de fome.

Uns gastam rios de dinheiro em vestidos de seda, em passeios, em praias e termas... enquanto outros (que são irmãos também) não têm um triste centavo para cobrir o seu corpo, ou para tratar da sua saúde abalada...

Que querem? São coisas da vida!...

*

Uma irmã da Caridade, na sua missão de bem-fazer, andava pedindo esmolas para os pobres.

Abeira-se de um cavaleiro que se desfaz em mil desculpas. — A crise é tão grande, os ganhos poucos... as despesas são muitas...

E depois deste rosário de amarguras deixa cair nas mãos da Irmã da Caridade um triste tostão.

Pouco depois vem uma gentil menina, mais despida do que vestida, de carmim nos lábios e cara enfarinhada, pedindo para uma festa de caridade.

O cavaleiro desfaz-se agora em cortezias e mezuas e (sem se lamentar) deixa cair nas mãos da tal menina uma moeda de cinco escudos...

Que querem? São coisas da vida!...

Se deseja que o Santuário de Nossa Senhora das Precês cresça, floresça, se desenvolva e progreda, ajude-o com as suas esmolas e ofertas.

A Religião é luz...

— Qual é o preso mais ruim que há agora por aí? Perguntámos a um dos chefes de guarda ou capatazes de uma grande cadeia de Lisboa.

— Agora, não sei, mas há um que hoje é já um perfeito homem de bem...

Essa transformação é obra de uns senhores que aí vêm às vezes, creio que de S. Vicente de Paulo.

E contou-nos a seguinte história:

— Ali na cela n.º X está há... meses um homem ainda novo que era um dos mais perigosos legionários vermelhos.

Veio para aí com um horror de crimes de morte às costas.

Um dia, um senhor bem vestido, apareceu-me com desejos que eu o deixasse falar com o pior preso que cá estivesse. Indiquei-lhe este. Para mim era o pior.

O tal senhor esteve com ele — sòzinhos os dois — da primeira vez duas horas. Da segunda três horas e ainda doutra, mas menos tempo.

Um dia vi-o sair da cela a chorar.

Só mais tarde soube o que tinha sido.

Do feroz assassino que, segundo declarações por ele feitas, matara só para não ser morto pelos camaradas da legião vermelha, e ainda por ser de facto um malvado, acabara o visitante de fazer um bom, um convertido, um arrependido.

Trouxera-lhe em nome da Religião uma luz nova que ferira no coração o preso e o transformara num crente que agora ia ajoelhar-se aos pés de um padre para no dia seguinte fazer a sua primeira comunhão.

— E fez?

— E fez, sim, senhor! Agora é um dos presos mais bem comportados e, creia, por quem eu tenho uma amizade funda. É melhor que eu. Lá no fundo era um bom de que as más companhias e devassidão e as doutrinas bolchevistas haviam feito um bandido.

Ai! quantos segredos nós aqui sabemos! Que criminosos há lá fora que deviam estar aqui em lugar destes!

E o nosso ocasional informador de uma das coisas mais belas que a vida poderia revelar-nos concluiu assim as suas palavras:

— Catequese, senhor, catequese católica; ainda se não viu coisa melhor para fazermos de um monstro um santo!

Ressuscitou ao terceiro dia

S. Paulo, na Epístola 1.^a aos Coríntios, capítulo XV, versículo 14, escreveu: **se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã a nossa fé.**

A ressurreição de Jesus é o maior dos seus milagres. É considerado, com razão, o principal fundamento da nossa fé.

O próprio Salvador tinha escolhido este sinal como selo dos seus prodígios e prova da sua missão divina.

Os Apóstolos atestavam a verdade da sua pregação principalmente pela ressurreição do Mestre.

S. Matias foi eleito para dar testemunho da ressurreição.

S. Pedro pregou este milagre no primeiro sermão, convertendo-se milhares de pessoas.

O mesmo facto pregou S. Paulo aos atenienses no Areopago.

Os Apóstolos operavam prodígios, em nome de Jesus, para confirmar o maior prodígio — a Ressurreição.

Esta é a crença de todos os católicos (os únicos legítimos seguidores de Cristo), há perto de vinte séculos.

Os racionalistas e outros pensadores do mesmo calibre negam o facto da Ressurreição de Jesus. Para se darem ares de sabedores chegam a dizer que o Salvador não tinha morrido. Como se fosse difícil provar que o divino Crucificado não tinha exalado o último suspiro...

Difícil seria, e muito, demonstrar que Cristo resistiu com vida a tantos maus tratos. Não havia força humana com resistência para tanto.

E ele tinha-se sujeitado a todas as nossas enfermidades, menos ao pecado.

Como Deus, podia, de facto, eximir-se perfeitamente à lei da morte; mas quis morrer, em cumprimento das escrituras, para nos salvar e para mostrar a sua onipotência pela Ressurreição.

Tinha sido flagelado, coroado de espinhos, maltratado de várias formas bárbaramente. E se, por impossível, isto não chegasse, a crucificação só bastava para matar. Muita gente assistiu à sua morte — o Centurião, soldados, Nossa Senhora e algumas piedosas mulheres, e S. João Evangelista. Pilatos deu licença para sepultarem Jesus só depois de bem certificados de que ele já não tinha vida. Os soldados incumbidos de quebrar as pernas aos crucificados ainda vivos, não o fizeram a Jesus, porque o encontraram já morto. E José de Arimateia e Nicodemos

envolveram o corpo do Senhor em lençóis, ungiram-no com aromas, e deram-lhe sepultura. Jesus tinha morrido.

*

A sua Ressurreição é afirmada por **S. Paulo, pelos Evangelhos, e pelos actos dos Apóstolos**, — tudo testemunhos históricos de valor incontestável.

...«Cristo morreu pelos nossos pecados, foi sepultado, e ressuscitou ao terceiro dia, como estava anunciado nas Escrituras. Foi visto por Pedro e depois pelos onze. Mais tarde foi visto por mais de quinhentos irmãos (na fé) reunidos, dos quais já morreram muitos e outros ainda vivem. A seguir foi visto por Tiago, e depois por todos os Apóstolos juntos. Finalmente, também eu o vi». Estas afirmações são de S. Paulo, na já citada Epístola aos Coríntios. Foi escrita esta carta no ano 53 ou 57 da era cristã, quer dizer, 20 ou 24 anos depois da Ressurreição de Jesus. E nunca ninguém daquele tempo se atreveu a chamar mentiroso a S. Paulo.

— Segundo os **Evangelhos**, o sepulcro do Senhor foi encontrado vazio na manhã da ressurreição.

Os fariseus encheram as mãos aos guardas do túmulo para que estes dissessem que tinham adormecido, e que, durante esse sono, os discípulos de Jesus tinham roubado o corpo do Mestre. Aqui mostraram os fariseus uma esper-tesa... saloia! Santo Agostinho apreciou deste modo a finura deles: «ó fariseu, tu é que estavas a dormir...»

Então, se os guardas estavam a dormir que é que eles podiam ver? E, se nada viram, como é que podiam ser testemunhas de que os discípulos roubaram o cadáver do Senhor?»

Jesus ressuscitado apareceu a Maria Madalena que chorava junto ao sepulcro; às mulheres, que voltavam de lá; a Simão Pedro; aos discípulos de Emaús; aos Apóstolos reunidos no Cenáculo, excepto S. Tomé; noutra ocasião, a todos, e mandou a Tomé que verificasse com o dedo o lugar das chagas nas suas mãos divinas e com a mão a chaga do lado; a quinhentos e dois discípulos junto ao mar de Tiberiades; aos onze Apóstolos que tinham ido para a Galileia, para um monte por Ele indicado (Judas tinha-se enforcado, e S. Matias não estava ainda eleito); a mais de quinhentos irmãos juntos a Tiago, «irmão do Senhor»; aos onze Apóstolos em Jerusalém, e ordenou-lhes que não se retirassem definitivamente da

Anedotas

— *Compadre, para rio de pesca, o da minha aldeia. Assim que se lança a rede, zás! duas arrobas de peixe.*

— *Melhor é o da minha terra, que não tem gota de água.*

— *Então como é isso?*

— *É tudo peixe!*

+

— *Olha lá, ó Zé, tu não me podias explicar o que vem a ser isso do comunismo?*

— *Perfeitamente! Vês aqui este cachimbo?*

— *Vejo.*

— *Ora bem. Tu pões o tabaco, han? Tudo como irmãos!...*

— *Vou percebendo. E tu pões o cachimbo, não é?*

— *Isso mesmo. Eu ponho o cachimbo... na boca!*

— *Ah! sim!... E depois?*

— *E depois chupo!*

+

Professor: — *Como influi a temperatura nos corpos?*

Aluno: — *O calor dilata-os e o frio contraí-os.*

Professor: — *Por exemplo?...*

O aluno depois de pensar um momento:

Por exemplo: No verão, são os dias maiores. No inverno são mais pequenos!

HISTÓRIA DO SANTUÁRIO de NOSSA SENHORA DAS PRECES

A venda em Coimbra na
«Casa do Castelo», em Oli-
veira do Hospital, na casa
«Júlio dos Santos» e no
Santuário

cidade antes de receberem o Espírito Santo. Depois, foi com eles, a Betania, e à vista deles, subiu ao Céu.

— Dos **Actos dos Apóstolos**, que são, do princípio ao fim, uma demonstração da Ressurreição de Jesus, basta respigar um facto: Os Apóstolos tinham sido presos e intimados a calar-se. Responderam simplesmente: «nós não podemos deixar de dizer o que vimos e ouvimos».

*

A Ressurreição de Jesus Cristo é a garantia da nossa ressurreição futura.

Mas para que a nossa seja gloriosa, é indispensável que durante a vida, imitemos a Cristo: «se sofrermos com Cristo, seremos glorificados com Ele», escreveu S. Paulo. Seremos glorificados na alma e no corpo. Vale bem a pena cumprirmos os nossos deveres, mesmo com sacrifício, para termos a felicidade de receber, na Eternidade, um tão grande peso de glória.

Notícias

Na primeira quinzena de Abril vão partir para a pesca do bacalhau 45 navios portugueses.

— Dentro em breve vai ser montado o telefone em Alvoco de Várzeas e em S. Gião.

— No Barreiro foi inaugurada pelo sr. Ministro da Economia a nova fábrica de sulfato de amónio.

— Anuncia-se para breve a cura da tuberculose com a descoberta de novas drogas e de Angola chegam notícias dizendo que foi descoberto um novo medicamento para a cura da lepra. Deus queira que seja verdade para bem da pobre humanidade.

— Anuncia-se que no dia 13 do corrente, em Moscovo, na igreja dos diplomatas estrangeiros, foi colocada num altar, a imagem de Nossa Senhora de Fátima. A imagem, formosíssima, é uma réplica da bem conhecida Virgem Peregrina, que já deu a volta ao Mundo. Só nos fins de Fevereiro, conseguiu entrar na Rússia, trazida de Portugal pelo padre Arthur Brassard, da Ordem de Nossa Senhora da Assunção, quando este sacerdote foi eleito capelão da igreja dos diplomatas residentes em Moscovo.

Com a igreja repleta de diplomatas e pessoas de suas famílias, Nossa Senhora de Fátima foi levada processionalmente e depois colocada no Santuário. O padre Brassard cantou o hino em honra da Virgem, escutado por uma multidão de crentes, profundamente comovidos.

Resplandecente na sua glória, Nossa Senhora de Fátima fez a sua entrada na Rússia. A Santa Imagem fora benzida em Portugal, pelo bispo de Leiria, em 13 de Outubro de 1947, no Santuário de Fátima.

— Diz-se que o tirano Estaline está às portas da morte e que já há uns meses não recebe ninguém.

— Pelos Melhoramentos Rurais foram concedidos 5 mil contos para várias obras do País.

— Desde 1946 os Padres Brancos trabalham na província ultramarina de Moçambique, onde, no curto prazo de 5 anos, abriram 7 Missões e tomaram conta do Pequeno Seminário, para indígenas, na diocese da Beira. Nestas terras, ontem selvagens, floresce uma Igreja rica de promessas. Não há rosas sem espinhos: os Padres Brancos acabam também de receber a triste notícia da morte prematura dum dos seus missionários, na Circunscrição da Mutarara, Moçambique. O padre Carlos Schmitt, no cumprimento do seu dever, pois ia baptizar um velho moribundo, morreu afogado, tendo-se virado a almadia frágil, que lhe servia de transporte devido às recentes cheias do Zambeze. Possa, o sacrifício deste novo e intrépido missionário, servir de semente dum número sempre crescente de cristãos em África, e de incentivo à mocidade para ir ocupar o seu lugar na Seara do Senhor, em terras de África.

Casa Figueiras (Vide)

e as suas aspirações

Fica esta povoação a 6.500 metros de Vide, com perto de 30 fogos.

Se bem que, muito se tem feito por todo o território português, no que se refere a melhoramentos, no entanto, a esta aldeia serrana, ainda não chegou um pouco de progresso. Por isso, supomos que, seria justo e humano que as entidades que se encontram a administrar a Freguesia e o Concelho, concedessem aos seus habitantes um pequeno auxílio, pelo menos para se levar a efeito a construção de um chafariz.

Esta povoação é dotada de uma nascente de água pura e cristalina, que até faz pena, quando ali passamos, ver o estado em que se encontra o local onde a mesma nasce, em mísero estado, ao alcance tanto das pessoas que necessitam de se abastecer deste precioso líquido como de qualquer animal; evidentemente, com grande prejuízo para a saúde pública.

Esta obra, levar-se-ia a efeito, desde que a Câmara de Seia concedesse a verba para a compra de meia dúzia ou uma dúzia de sacos de cimento e para um tubo de ferro galvanizado ou de luzalite. Quanto à mão de obra, estamos certos que, os seus moradores a prestarão, sem remuneração alguma.

* * *

Também, muito se faz sentir nesta região a falta de uma escola onde as crianças de Casas Figueiras, Outeiro e Abitureira pudessem aprender as primeiras letras. A nosso ver, esta instrução devia ser ministrada na povoação do Outeiro ou Casas Figueiras. Dizemos no Outeiro, em face de ficar entre as Casas Figueiras e Abitureira, e, assim, a distância de uma povoação para a outra, anda à volta de 500 metros, pouco mais ou menos.

É certo que, se não estamos em erro, as crianças destas povoações iam ou ainda vão frequentar as aulas que são ministradas no Posto Escolar do Coucedeira, se bem que, também não existe naquela aldeia edifício próprio, mas sim uma sala improvisada.

Ora, isto não satisfaz, por um lado, as crianças têm de se deslocar respectivamente: — 3.500, 2.000 e 1.500 metros, por caminhos quase intransitáveis, e pelo outro, também a assiduidade de quem ministra o ensino, nem sempre se verifica, com prejuízo, bem entendido, para as crianças que depois de percorrerem as distâncias acima referidas, não chegam a aprender coisa alguma.

* * *

Sobre vias de comunicação — Casas Figueiras, Outeiro e Abitureira, mais dia menos dia, vêm chegar perto uma estrada, da qual podem fazer pequenos ramais de acesso, para satisfação das suas necessidades; graças aos Serviços Florestais que já andam a construir uma estrada, partindo do Vale de Maceira atravessa o monte do Colcurinho pelo Norte, indo

servir a Freguesia do Piódão e vai entroncar à Vide.

Assim, exortamos os habitantes daquelas povoações a unirem-se e a trabalharem todos, no mesmo sentido, a fim de verem tornar em realidade as suas merecidas aspirações.

À Câmara do Concelho de Seia e à Junta de Freguesia de Vide, cumpre auxiliar estes pobres serranos, na medida do possível, para levarem a cabo os seus melhoramentos a que têm incontestável direito.

Lisboa, 25 de Março de 1952.

António Lourenço Pacheco

Assinaturas pagas «da Voz do Santuário»

Com 10\$00 pagaram a sua assinatura:

Manuel Baptista de Oliveira e Cândido Baptista de Oliveira, da Moita da Serra;
João Tavares Carvalho, Aldeia das Dez;
D. Maria da Conceição Tavares Carvalho, Lisboa;
Américo dos Santos, Camba;
António Carlos, Meãs;
António Augusto Pinheiro, Tapadas;
Joaquim Osório, Peso, Tortozendo;
Francisco Pinto, Chamusca;
Hortêncio de Almeida, Oliveira do Hospital;
Manuel Henriques, Avelar;
D. Maria da Glória Gonçalves, Sargaçosa;
Qualtério Dias da Cruz, Avelar;
José Marques Afonso, S. Sebastião da Feira;
Germano Dias Correia, Coimbra.

Com 20\$00 pagaram os senhores:

António Lourenço Duarte, Lisboa;
José João da Fonseca, Lagos da Beira;
D. Aida Pina, Galizes;
P. Romeu Mendes Neto, Covas;
D. Palmira Figueira Diniz, Oliveira do Hospital;
José Tavares de Sousa Júnior, Ponte das Três Entradas;
Dr. Ernesto Lobo, Oliveira do Hospital;
D. Maria Augusta Gil Pereira, Lisboa;
D. Maria Amália Simões, Lisboa;
Albino Alves da Silva, Lisboa;
José Luís de Macedo, Cadima;
P. João Antunes da Costa, Pomesres;
D. Elisa Gomes Figueira, Alvoco de Várzeas;
D. Natividade Marques, Feira.

Com 30\$00 Francisco da Costa Ferreira, S. Paio; Joaquim Ferreira de Pera, com 40\$00, mais outro assinante não quer o nome na lista; Alberto Hal Castelo Branco do Porto Alexandre com 50\$00.

Carreira de Camionete para Coimbra e Oliveira

Até que enfim!! Aldeia vai saindo do isolamento. Já temos uma carreira para Coimbra. Esta notícia damos-la com muito prazer, pois representa a satisfação de uma aspiração, um melhoramento de grande alcance e um passo em frente a caminho do progresso e do desenvolvimento desta terra.

As terças, quintas e sábados já podemos ir a Coimbra, saindo de Aldeia de manhãzinha e regressando à noite.

A mesma Empresa pensa realizar uma carreira de passageiros entre Aldeia e Oliveira do Hospital nos dias em que não vai para Coimbra e com um horário mais favorável.

Seria um ótimo serviço, pois que não temos meios de comunicação para a sede do concelho e a carreira que vai para Coimbra chega a Oliveira muito cedo. Convinha sair de Aldeia pela volta das sete e meia ou oito horas e regressar ao meio da tarde. Assim sim, ficaria coisa de jeito.

E já agora uma lembrança: Não poderia realizar-se nos meses de verão aos domingos uma carreira entre Tábua, ou Oliveira do Hospital e a Senhora das Preces?

Sendo a Senhora das Preces tão frequentada nos meses de verão por muitos milhares de pessoas, talvez desse resultado. Senhores da Empresa vejam lá isso e comecem já na próxima festa da Senhora das Preces.

Condições de Assinatura por ano

A *Voz do Santuário* que se publicará uma vez por mês terá duas categorias de assinantes:

Simples assinantes	— 10\$00
Assinantes benfeitores	— 20\$00
Estrangeiro	— 20\$00

Recordações do Santuário

Quando visitar este Santuário não se esqueça de levar uma lembrança, uma recordação.

Junto da capela, em lugar próprio, encontra à venda terços, crucifixos, flores, livros de Missa e medalhas de Nossa Senhora das Preces.

Aos Senhores Encarregados dos Correios e itustres carteiros

A *Voz do Santuário* tem livre trânsito em todas as terras portuguesas daqui e dali.

Sai da Estação dos correios de Aldeia com o visto do respectivo Encarregado, e leva bem à vista a respectiva taxa postal.

Nestas condições entra nas camionetas, sobe para os comboios, embarca nos grandes transatlânticos e segue viagem para todas as partes do mundo.

Por isso mesmo não sabemos como explicar certas reclamações que alguns dos nossos prezados assinantes nos têm feito, dizendo que não recebem o jornal no devido tempo, com bastante atraso, ou não o chegam mesmo a receber.

Assim a Alvoco de Várzeas chega por vezes com três e quatro dias de atraso; da Relva Velha dizem que alguns meses não o recebem. De Cebola fazem a mesma queixa e de Lisboa idêntica reclamação.

O jornal é pequenino é verdade mas ainda se vê, não deve ficar certamente no fundo das malas. Outros motivos devem dar origem a ele ficar pelos caminhos...

Senhores Encarregados dos Correios e Senhores Carteiros, vejam lá isso com um bocadinho de mais cuidado e deixem seguir em paz, o seu destino.



O Presidente Truman troca impressões com o General Eisenhower, Comandante Supremo das Forças Aliadas na Europa, acerca dos «grandes progressos» verificados, ultimamente, no sentido de se preservar a paz na Europa e no Mundo.